

AS VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO SETOR INFORMAL DA INDÚSTRIA CALÇADISTA

Marília Batarra Lima – Bolsista Fapesp
Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro
Centro Universitário Uni-Facef

1- INTRODUÇÃO

No século XVII, a fusão da idéia de que o trabalho dignifica além da miséria das famílias, que chegavam a abandonar seus filhos, e o capitalismo que sempre desejou o lucro fácil, conseguiu levar milhares de crianças às fabricas. Assim se consolidava a ideologia de que o trabalho era a melhor maneira de prevenir os males sociais e combater os existentes (CAMPOS & ALVERGA, 2001).

Para Foucault a invenção da disciplina implicou numa vigilância dos indivíduos, essa vigilância sobre as crianças, alterando-se conforme a classe social. No espaço de trabalho são constituídas as estruturas de micro-poderes, cumprindo uma função disciplinar. O trabalho infantil tem seu fundamento técnico-disciplinar na medida em que tem como função básica assegurar o *status quo* e a reprodução do capital, favorecendo a conformidade desses grupos sociais com a sua própria condição, onde o trabalho mesmo explorado é a possibilidade de impedir a manifestação do “vírus da delinqüência” (DIMENSTEIN & FEITOSA, 2004).

A origem do trabalho infantil está relacionada à pobreza familiar e sua inserção no mercado de trabalho formal ou informal, já que o baixo salário faz com que aumente o numero de mulheres e crianças trabalhando. Basicamente os motivos para o trabalho precoce são pobreza, necessidade de colaborar com os pais, o desejo dos pais para que trabalhem e ganharem a vida por si mesmos, além da idéia de que é melhor trabalhar do que ficar “sem fazer nada”.(OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001)

O trabalho infantil faz parte da historia da cidade onde está sendo realizado o estudo, principalmente no processo de fabricação de sapato, na medida em que

o serviço é passado de pai para filho. (SARTORI, 2006). A partir de 1997, a fiscalização acerca do trabalho infantil aumentou nas fábricas, o que fez com que as crianças passassem a desenvolver seus trabalhos dentro de suas casas. Na condição de trabalho doméstico, os pais passaram a impor aos seus filhos jornadas de trabalho maiores, em condições totalmente prejudiciais, até mesmo a um adulto. Segundo depoimentos das famílias, o trabalho infantil já pertence à rotina, não sendo questionado. Pelo contrario, é naturalmente solicitado, já que as condições de pobreza impõem a necessidade do trabalho e os discursos dos pais negam os prejuízos causados ao desenvolvimento das crianças (CAMPOS & FRANCISCHINI, 2003).

Mesmo com o surgimento da legislação, esta não consegue “intervir” dentro das casas, onde as crianças passaram a ser inseridas no mundo do trabalho informal. Neste contexto, elas não têm como escolher entre trabalhar e brincar, pois estão submetidas às ordens dos pais. O trabalho doméstico se mistura à produção de calçado, a casa deixa de ser um lugar reservado para o descanso e convívio familiar, e passa a ser uma extensão da fábrica (ANDRADE & CINTRA, 1996). No processo de costura de sapato realizado dentro das residências todos os membros da família trabalham para ajudar a aumentar a renda, já que o valor da produção final é muito baixo, por isso é quase que unânime a idéia de que se não for oferecida ajuda financeira, não há como retirar as crianças do trabalho (SARTORI, 2006).

A inserção das crianças no trabalho de “bancas de pesponto”¹ e “costura manual do sapato” está associada às características do processo de terceirização na produção de calçado, revelando o caráter precário da utilização da mão-de-obra infantil. O trabalho é realizado no espaço doméstico, sofrendo o controle da própria família e, como esta é a primeira e uma das principais instituições que reproduz determinadas regras sociais, a criança, desde cedo, ajuda na costura ou colando sapatos que a mãe recebe do intermediário, trabalhando durante horas no ambiente doméstico, sendo este muitas vezes insalubre, além de os salários serem baixos. Normalmente a menina, além de auxiliarem no trabalho, ainda ajudam a mãe nas tarefas domésticas, configurando uma jornada dupla de

trabalho. O ritmo acelerado e a destreza das mãos pequenas das crianças parecem ser fatores que influenciam os pais a requisitarem seu trabalho. Pela própria agilidade, a produtividade aumenta (SARTORI, 2006).

Pode se perceber que para algumas famílias o trabalho infanto-juvenil é tido como rotina, é uma passagem para a vida adulta, onde o adolescente se considera adulto e importante, já que é autônomo financeiramente. Oliveira e Robazzi (2001) concluíram que as famílias não são as grandes culpadas, já que o mercado dá oportunidade para o trabalho infantil, elas então apenas usam desse recurso.

Segundo Alves-Mazzotti (2006) as produções acadêmicas sobre o tema do atual estudo, na grande maioria das vezes tratam o trabalho infanto-juvenil como uma categoria homogênea, caracterizando-o como negativo, onde a família é a exploradora dos próprios filhos ou conivente com as representações sociais inerentes ao modo de produção capitalista. Se em grande parte das vezes a utilização da mão-de-obra infanto-juvenil é marcada pela exploração, de outro lado é preciso reconhecer que nem todos os pais são exploradores e nem todo trabalho é penoso.

Alves-Mazzotti (2006) procurou ressaltar que nem todo trabalho infanto-juvenil é penoso, insalubre ou humilhante, que nem todos os pais são exploradores, e que a homogeneização leva a estereótipos, que aumentam ainda mais a exclusão social. Isto mascara a inadequação do sistema educacional em atender crianças mais pobres, atribuindo às famílias a culpa pelo “fracasso escolar” do filho, além de culpabilizar a família pelo trabalho precoce, esquecendo que elas também são vítimas dos mecanismos sociais perpetuadores da pobreza. Observa-se que as duas situações contribuem para que as raízes do problema permaneçam intactas.

Pensando em todas essas questões, torna-se importante conhecer mais a fundo e mais de perto como se dá a relação entre trabalho e vida familiar dessas crianças. Quais as conseqüências desta relação, na maneira como está ocorrendo, para as crianças e adolescentes e para a sociedade como um todo, no seu presente e futuro?

Esse artigo procura caracterizar as condições do trabalho infantil nas bancas de pesponto que terceirizam a produção de calçados numa cidade industrial do interior do estado de São Paulo.

2- MÉTODO

A pesquisa que está sendo realizada utiliza uma abordagem qualitativa, onde o ser humano e a sociedade são sujeitos também, e se recusam a revelarem-se apenas como números. Os dados qualitativos trazem para o interior da análise, o sujeito e o objeto, os atores sociais e o próprio sistema de valores do cientista, os fatos e seus significados, a ordem e os conflitos (MINAYO, 1996).

Partindo desta proposta, o estudo utiliza a etnografia para a investigação da realidade pesquisada, buscando novos conceitos, relações e formas de se entender a realidade. Numa primeira etapa foi realizada observação participante em dez residências de um bairro operário, nas quais acontecem o trabalho domiciliar. Na segunda etapa foram entrevistadas dez crianças individualmente, em suas residências. Os dados obtidos passaram por uma análise hermêutica-dialética, que tem como ponto de partida o homem e sendo a práxis social seu objeto de análise.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- Bairro

O bairro onde a pesquisa foi realizada foi construído por um programa da habitação popular pela Caixa Econômica Federal, fica situado na periferia da cidade, não consta no mapa da cidade, é constituído por casas populares com modelo padrão, várias casas já foram reformadas. A Associação de Moradores é muito forte no bairro e é responsável por várias conquistas para o bairro.

3.2 – As residências

Nas casas observadas, onde se realiza costura manual², o trabalho normalmente é realizado na sala, não havendo um espaço separado, em grande parte das residências quem realiza a costura do sapato são as mulheres, elas ficam sentadas no sofá, bancos assistindo televisão, ouvindo rádio ou

conversando. Já nas casas onde existe a banca de pesponto³ existe um espaço separado devido à presença de algumas maquina e funcionários. Algumas bancas funcionam de forma totalmente clandestina.

3.3 – O trabalho infantil

Uma das residências em que foi realizada a observação participante se destacou neste tópico, já que nela moravam seis crianças, e todas ajudavam a mãe na costura manual do sapato. No período da tarde, apenas duas crianças ficavam em casa, a menina ajudava a mãe no serviço doméstico e depois costurava sapato, o menino ficava parte do dia na rua brincando, e quando chegava em casa também costurava. Quanto às outras crianças, uma trabalhava em banca de pesponto e as outras estudavam até as quatro horas da tarde. Estas últimas também, quando tinha serviço, trabalhavam após este horário.

3.4 – Síntese de cada entrevistado

Quadro 1- Características dos entrevistados.

ENTREVISTADOS	IDADE	ESCOLARIDADE	COM QUEM MORA	TRABALHO REALIZADO NA CASA
Mônica	15	Primeira série do ensino médio	Pai, mãe e cinco irmãos	Costura manual do sapato
Isabela	14	Sétima série do ensino fundamental	Pai, mãe e cinco irmãos	Costura manual do sapato
Paula	12	Quinta série do ensino fundamental	Pai, mãe e cinco irmãos	Costura manual do sapato
Gabriel	10	Terceira série do ensino fundamental	Pai, mãe e cinco irmãos	Costura manual do sapato

Clara	10	Quarta série do ensino fundamental	Pai, mãe e dois irmãos	Costura manual do sapato
Antônio	7	Primeira série do ensino fundamental	Pai e mãe	Costura manual do sapato
Alice	6	Primeira série do ensino fundamental	Pai e mãe	Costura manual do sapato
Suzana	11	Sexta série do ensino fundamental	Pai, mãe e dois irmãos	Costura manual do sapato
Helena	10	Quinta série do ensino fundamental	Avó e duas irmãs	Costura manual do sapato
Gisele	12	Sétima série do ensino fundamental	Mãe e um irmão.	Costura manual do sapato

3.4. Entrevistas individuais

Nas entrevistas as crianças falaram sobre o trabalho em diversos aspectos, como suas vivências no trabalho, motivos para trabalhar, o significado do trabalho, benefícios trazidos por ele e os sentimentos relativos ao fato de trabalhar.

Oliveira e Robazzi (2001) falam sobre a origem do trabalho infantil relacionando-o com a pobreza familiar e com sua inserção no mercado de trabalho formal ou informal, já que o baixo salário faz com que aumente o número de mulheres e crianças trabalhando.

Todas as crianças ou adolescentes entrevistados, seus pais ou responsáveis, são trabalhadores informais, situação que gera instabilidade financeira. As crianças mostraram ter consciência disso, como pode ser percebido na fala de uma delas:

Aí, eu queria que minha mãe arrumasse um trabalho na fábrica porque aí ela pode ser registrada, porque é ruim pra ela trabalhar sem registro. (Clara)

Outro aspecto que converge com a literatura pesquisada são os motivos que levam a criança ou adolescente a trabalhar. Observou-se uma situação econômica baixa na realidade familiar de todos entrevistados, sendo este o motivo com que justificam o fato de estarem ajudando em casa. Além disso, observou-se a reprodução do discurso dominante de que é melhor trabalhar do que ficar em casa, ou no ócio. Os seguintes relatos exemplificam este aspecto:

Que estão ajudando os pais. Porque tem muita criança que fica na rua e não ajuda, aí é melhor ajudar. (Clara)

Eu gosto. Porque sim, pra ganha dinheiro. Tem que costurar com muita pressa, aí acaba rapidinho. (Gabriel)

Os entrevistados colocaram também que ajudando no trabalho eles ganham as coisas quando pedem para a mãe, ou passam a ter seu próprio dinheiro, ou seja, o motivo está baseado na troca imediata, em nenhum momento relacionaram o trabalho com o crescimento ou uma aprendizagem para o futuro. Este aspecto pode ser observado na fala da Mônica:

É bom porque a gente ajuda, aí depois tem mãe que fala aí não vou te dá nada não porque você não me ajuda, agora não tem como ela fala isso pra gente, aí quando a gente precisa das coisas ela compra...aí é bom por causa disso. (Mônica)

Entre os aspectos negativos que os participantes da pesquisa observaram em seu trabalho, destaca-se a fala de uma entrevistada, que disse que quando era mais nova pensava que o trabalho era uma forma de escravização, pois tinha muito serviço precisava ficar trabalhando até de madrugada:

Bom, bom eu pensava eu to ajudando minha mãe só que fica até de madrugada, passa da hora assim, nós parava só pra almoça, nós almoçava correndo e e...ia costurar, tinha nem tempo, nossa.(...) Nossa eu pensava que ela tava me escravizando. Aí, por causa que era muito nova, muito, muito, muito... (Mônica)

Na entrevista de uma adolescente pode-se notar como o trabalho se tornou rotina e ganhou um caráter natural. Ela começou a trabalhar muito cedo e em determinado momento já não era mais necessário que a mãe a mandasse ir trabalhar, porém ela disse que se não costurasse provavelmente apanharia da mãe, como pode ser observado em seu relato:

É uma obrigação, tipo uma rotina de limpa a casa era a mema coisa, intão nem precisava da minha mãe mandar mais a gente costurar, a gente já pegava nosso sapato e já fazia. Aí a gente acostumo e foi. Deve fazer uns sete, oito ano que eu costuro Ainda mais que quando nós pegava sapato não era pouco....Aí, é...porque seu eu não costurar é lógico que eu acho que ela vai me bate. Nós tinha que fazê. (Mônica)

Através do relato dessa adolescente pode-se perceber como acontece o processo de naturalização do trabalho na vida das crianças. No início ele pode até causar um estranhamento, mas com o passar do tempo se incorpora à realidade e pode ficar cada vez mais difícil fugir desse ciclo. Neste contexto, observa-se que as crianças não têm como escolher entre trabalhar e brincar, pois estão submetidas às ordens dos pais, tal como aponta a literatura (ANDRADE & CINTRA,1996). Os relatos mostraram ainda que as crianças, além de ajudarem na costura do sapato, também ajudam no serviço doméstico.

Porém duas crianças trouxeram um lado diferente, pois disseram que acham legal o serviço que fazem. Em suas falas pode-se notar que o trabalho às vezes se torna lúdico, pois o movimento realizado é interessante.

Quando as crianças falaram sobre o trabalho infantil, algumas apresentavam um discurso como se a atividade que eles exercem não fosse trabalho, muitas vezes eles só consideram trabalho a atividade que é exercida fora de casa.

Quanto ao significado social que as crianças atribuem ao trabalho infantil, novamente se tem o ajudar os pais como principal significado, além de tirar a criança da rua, repetição do discurso ideológico de que é melhor trabalhar do que ficar na rua. Em outra fala nota-se a presença da religiosidade para dar sentido ao trabalho, sendo que a criança faz a vontade de Deus.

As crianças falaram também da sua representação sobre o olhar dos pais acerca do trabalho infantil. Quatro delas disseram que os pais acham bom, porque eles estão ajudando e ganhando seu dinheiro, cinco disseram que os pais acham ruim, porque não é certo criança trabalhar, que é falta de cuidado da mãe ou porque a criança fica cansada. Duas entrevistadas abordaram os aspectos favoráveis e contrários ao trabalho infantil. Uma entrevistada disse que quando uma criança não quer trabalhar e os pais a obrigam, ela tem que escolher entre denunciá-los ou não, mas que caso venha a denunciar, tem que saber que pode ser tirada dos pais, cabendo a criança a difícil decisão.

Quando falaram das interferências que o trabalho pode causar na escola, duas crianças se queixaram que as mãos doem ao escrever, por causa dos dedos furados e machucados. Apesar das crianças dizerem que o trabalho pode atrapalhar os estudos, na realidade delas o trabalho não é motivo de afastamento da escola, pois em nenhum momento disseram viver essa situação. Quando imaginavam que as crianças, por trabalharem, poderiam estar fora da escola ficavam indignados, dizendo que o Conselho Tutelar deveria ser chamado e tomar suas providências.

As crianças entrevistadas falaram também das suas representações acerca do olhar do professor sobre o trabalho infantil. Algumas crianças falaram sobre discursos que já ouviram dos professores, outras disseram que seus professores nunca falaram nada, mas que imaginavam o que eles diriam. As que disseram que a professora acharia o trabalho bom, argumentaram que é porque as crianças

estão ajudando os pais, e os aspectos negativos se referiram ao fato da criança ser muito nova, e do trabalho atrapalhar os estudos.

4- Conclusões preliminares

Através do relato das crianças, a análise parcial dos dados mostrou que o trabalho infantil continua existindo em realidades onde há pobreza, a própria criança quer trabalhar para poder ter seu dinheiro e uma certa independência.

Considerando o aspecto mais racional da criança, o trabalho infantil é visto como negativo, fato comprovado quando falaram da possibilidade de denúncia ao Conselho Tutelar por exploração da criança, porém é uma dificuldade para elas, pois sabem que se denunciarem podem perder a família.

Considerando o aspecto afetivo, o trabalho é realizado pelas crianças e adolescentes muitas vezes sem sofrimentos porque esses usam a justificativa de estarem ajudando os pais, por isso acabam exercendo o trabalho mais docilmente, pois consideram que a atividade exercida é uma ajuda aos pais e não um trabalho.

5 – Referências Bibliográficas

ALVERGA, Alex Reinecke de; CAMPOS, Herculano Ricardo. *Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho. Estud. psicol. (Natal)*, 2001, vol.6, n.2, p.227-233. ISSN 1413-294X. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 28 set. 2005.

ALVES MAZZOTTI, Alda Judith. Repensando algumas questões sobre o trabalho infanto-juvenil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.19, p. 87-98, 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501908.pdf>>. Acesso em: 7 já. 2007.

ANDRADE, Raquel Mazzola; CINTRA, Raquel Batista. *A Criança: O Calçado versus A Escola (uma reflexão sobre a terceirização em Franca)*. 1996, 87 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 1996.

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANCISCHINI, Rosângela. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. *Psicol. estud.*, vol.8, n.1, p.119-129, Jun 2003. ISSN 1413-7372. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 5 out. 2005.

DIMENSTEIN, Magda; FEITOSA, Isabel. Escola, família e trabalho infantil: subjetividade e práticas disciplinares. *Interação em Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 2, n. 8, p. 287 – 296, 2004.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Maio 2001, vol.9, no.3, p.83-89. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>> Acesso em: 17 set. 2005.

SARTORI, Elisiane. Trabalho infantil em Franca: um laboratório das lutas sociais em defesa da criança e do adolescente. **Cad. Pagu.**, Campinas, n. 26, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Dez 2006. doi: 10.1590/S0104-83332006000100011.

¹ Segundo Navarro (2003), a banca de pespontos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespontos, costura e enfeites. As bancas informais são aquelas que, por não passarem por fiscalização, utilizam o trabalho infantil com mais frequência.

² Sete das dez casas observadas

³ Três das dez casas observadas